



Permacultura na universidade: a experiência do NEPPAS *Permaculture at the University: the experience of NEPPAS*

CAVALCANTE, Marcelo Casimiro¹; SILVA, Hugo Felipe¹; OLIVEIRA, Pedro de Assis¹; CAMPOS, Paulo Eduardo Rolim²; CAMPOS, Luciana Melo de Medeiros Rolim²

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST), marcelufc@yahoo.com.br; hugofelipe15@outlook.com; pedromanari@gmail.com

² Maloca Escola de Permacultura, Crato-CE, permaculturakariry@gmail.com, lucianamm13@gmail.com.

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: Esse texto é um resgate de uma história de luta e de resistência da agroecologia e da permacultura dentro de uma universidade pública imbricada no Sertão do Pajeú-PE. Nele, resgatamos heranças em forma de conhecimentos tradicionais e buscamos construir coletivamente com o conhecimento científico, utilizando metodologias, práticas e tecnologias permaculturais que sejam adaptadas às condições do semiárido. O trabalho traz um relato de um processo de vivências prático/teóricas de três projetos de extensão da UAST/UFRPE. Mais de 20 encontros foram realizados pelos quais passaram mais de 120 estudantes dos diversos cursos, professores, técnicos, agricultores/as, organizações e dos movimentos sociais. O espaço já teve sua terra preparada e diversas sementes lançadas e germinadas, tomando vida própria com a participação efetiva desses coletivos, tornando-o um lugar pra troca de experiências, para se cultivar e colher alimento, pra imergir na permacultura e em todas suas ramificações.

Palavras-Chave: Agroecologia, Educação, Integração, Paradigma, Tecnologias sociais.

Keywords: Agroecology, Education, Integration, Paradigm, Social Technologies.

Contexto

Esse texto é um resgate de uma árdua e bonita história, que vem sendo construída e contada a muitas mãos, desde o ano de 2015, de um processo de construção coletiva do conhecimento numa Universidade em pleno Sertão Pernambucano. Essa história remete ao reconhecimento dos saberes populares, representados por tantos Franciscos, Marias, Josés, Antônias... de tantas brenhas dos sertões e de tantos outros territórios; à busca contínua pelo fortalecimento da agricultura de base familiar camponesa; ao focar em estudos e práticas que potencializem o redesenho dos agroecossistemas para agriculturas mais ecológicas e equitativamente sociais, à produção de alimentos saudáveis, à reafirmação de uma educação contextualizada com a convivência com o semiárido.

Esmagados em espaços apertados, por trás de mesas, em salas refrigeradas, e a necessidade latente de se colocar os pés e as mãos na terra, de se trazer pra dentro da universidade experiências que dialoguem com a convivência com o Semiárido,



iniciamos um processo de ocupação de um espaço físico dentro da UAST/UFRPE no ano de 2015: *O Espaço Permacultural do NEPPAS*.

Criado em 2010 pela inquietação de um grupo de professores da Universidade Federal Rural de Pernambuco, na Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UAST) para contrapor um modelo de produção e desenvolvimento do campo pautado no Agronegócio e pela bandeira da Agroecologia, surge o NEPPAS- Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido.

Estamos imersos em uma universidade pública que tem o “Rural” em seu nome (UFRPE), mas que pouco se dedica a esse recorte. Percebe-se um ambiente de “geração de conhecimento” fragmentado, sem conexões entre os mais diversos cursos, sem diálogo com a comunidade do entorno, ainda marcada pelo patriarcalismo, pelas relações de poder marcantes, com ações de ensino, pesquisa e extensão voltadas ao grande capital, mas que, de alguma forma, nos proporciona um ambiente de autonomia relativa. Assim, redesenhar, reorganizar e ressignificar esses espaços necessita de tempo, de convencimento, de enfrentamento e de conquistas (CAVALCANTE et al. 2017). Portanto, essa ocupação se dá numa perspectiva de um trocar de lentes, de observar as complexas relações que se desenvolvem no nosso entorno, sejam elas ecológicas, sociais, políticas, econômicas, etc., de uma mudança real de paradigma dos sistemas de produção, das relações de gênero, da juventude e de uma prática agrícola de fortalecimento da agricultura familiar... do olhar complexo! Essa transformação só será possível quando entendermos que somente com uma agricultura pautada na unidade familiar como gestora e detentora de todo um conhecimento ancestral seja reconhecida e fortalecida. Se não, a sustentabilidade ficará como *merchandising* de grandes corporações, da globalização e da mídia.

Nesse sentido, o Espaço Permacultural do NEPPAS foi planejado como um lugar de identidade do próprio núcleo; onde realmente a academia e a agricultura familiar (especialmente de transição e agroecológica) pudessem estar mais próximas; em que práticas agroecológicas e permaculturais sejam efetivadas e continuadas; que tecnologias para a convivência com o semiárido tenham mais divulgação; que as pessoas que compõem a universidade tenham mais proximidade com a agroecologia; que o núcleo se estabeleça em bases sólidas formadas pela coletividade, solidariedade, fé e esperança dos que o compõem. Para acelerar a transição para a agricultura permacultural e desenvolvimento rural sustentável.

A permacultura surge como um ser e estar nessa existência, considerando as outras também; como uma filosofia e como uma prática transformadora dessas realidades. Onde a observação e a ação coexistem, onde as relações se permeiam, fluem em uma espiral constante, onde a vida é respeitada e valorizada em todas as suas formas, onde as águas, as sementes, a terra são compreendidas como vida, e não como simples recursos esgotáveis. Trazer esse olhar para dentro da instituição é destruir muralhas, construindo pequenas galerias como fazem as formigas, que com o tempo se comunicam com outras galerias, com outras e com outras, fortalecendo a estrutura, evidenciando assim o poder dos ciclos da natureza, da coletividade, da persistência.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



São poucas as ações permaculturais dentro das instituições de ensino, vale citar algumas: UECE (NEPPSA), UFSC (NEPerma), UFC (GEPe), UFCA, IF-Crato, UFRPE (NEPPAS), dentre outras. Normalmente se detém a experiências de pequenos grupos autônomos, isoladas em comunidades alternativas, mas que aos poucos vem tomando dimensões maiores. Estrategicamente, a universidade é um ambiente de grande visibilidade, de atenção de um público diverso e de uma juventude faminta de experimentar, tendo, portanto, um grande potencial de chamamento e divulgação da permacultura.

Descrição da Experiência

A partir da execução de três projetos de extensão da UFRPE/UAST, em três anos consecutivos (2016/2017/2018), diversas tecnologias sociais estão sendo implementadas no processo de construção de um espaço de aproximadamente um hectare (01 ha). Manter um mosaico, assim como é na natureza onde as partes se interconectam, nos permite trocar nossas lentes ofuscadas por anos de massificação tecnicista e academicista, por lentes que nos permitam olhar a complexidade com que a agroecologia e a permacultura nos convida. Ao mesmo tempo, participar ativamente da construção das tecnologias nos possibilita construir espaços de formação onde os diversos sujeitos e saberes trocam suas experiências e as amadurecem para a convivência das pessoas com o ambiente semiárido nas mais diversas dimensões da vida: acadêmica, econômica, ambiental, produtiva, rural, familiar, sustentável... Todo o processo vem sendo desenvolvido coletivamente, desde o início de 2016, por agricultores (as), assentados da reforma agrária, quilombolas, e outros povos, mobilizados pelo NEPPAS e por outras organizações que atuam no território do Pajeú, por professores, estudantes, técnicos, etc., em formato de mutirões, oficinas, imersões e capacitações prático/teóricas.

A grande parte das atividades foi desenvolvida no próprio espaço, enquanto que outras no Serviço de Tecnologia Alternativa- Sertão-Ibimirim-PE ou mesmo nas comunidades dos participantes.

Resultados

Mais de 20 oficinas, mutirões, capacitações foram realizadas, totalizando mais de 120 participantes. Diversas tecnologias sociais foram construídas/ bioconstruídas, dentre elas: cisterna de placas, caixa d'água de ferro cimento, geodésica, escritório de adobe, sistema agroflorestal de base sintrópica, biodigestor, dentre outros.

As atividades no espaço iniciaram estrategicamente em um processo colaborativo da ONG Caatinga, com a doação de uma cisterna de placas de 52 mil litros, garantindo assim o estoque de água para ser utilizada na produção de alimentos, manutenção agroflorestal e bioconstruções (Figura 1d). Jovens agricultores/as do Sertão do Araripe adentraram à Universidade para ensinar como construir um reservatório de água potável, fruto de um projeto nacional reconhecido e premiado pela ONU em 2017. Em



apenas cinco dias a cisterna de placas estava concluída! Temos agora uma tecnologia que se faz transversal dentro do espaço.

O próximo elemento introduzido nesse agroecossistema foi o espaço de vivências, encontros, reuniões, oficinas, descanso, estudo, convivência, etc. Uma estrutura semiesférica de 8 metros de diâmetro e 4 de altura, chamada de geodésica, foi construída utilizando técnicas de baixo custo (ferro-cimento) e bioconstrução com materiais naturais locais (pedra e barro), saltando aos olhos uma arquitetura ancestral, que se assemelha a uma oca indígena. Ela também tem a função de captar a água das chuvas e, através de um sistema de calhas e tubulações, conduzir à cisterna. Mais de 50 agricultores/as, técnicas/os do campo da extensão rural, estudantes e professores se capacitaram junto ao SERTA-Ibimirim e colocaram a mão na massa para a construção dessa estrutura. Outro ponto importante foi a construção do escritório, utilizando apenas materiais disponíveis no local (barro retirado da escavação da cisterna, pedras e fibra de capim seco). Essa é a base do espaço, onde se encontra a biblioteca, computador, ferramentas, etc. Essa forma ancestral de se construir despertou o interesse em muitos dos participantes para a possibilidade de construir seus próprios locais, moradias, estruturas para animais, etc.

Em seguida, um aspecto crucial que seria a produção de alimentos de base agroecológica foi possibilitada pela técnica da agricultura sintrópica. Nela consorciava hortaliças, plantas anuais, frutíferas, espécies arbóreas nativas...de forma que em uma escala maior de tempo e espaço pudesse manter a área produtiva e rentável...tudo de forma integrada, respeitando os ciclos, favorecendo relações, protegendo o solo e reduzindo o uso de água. Todas as sementes eram crioulas!! Durante as oficinas de implantação e manutenção do sistema horteagroflorestal os participantes eram submetidos a uma desconstrução de um modelo de manejo da terra e de como produzir o alimento, uma vez que o método se propõe a observação dos ambientes naturais, assim como funciona em uma floresta, por exemplo. Em detrimento de práticas tradicionalmente utilizadas como os consórcios simples e/ou rotação de culturas. Outra tecnologia construída foi o biodigestor. Esse teria a função de produzir gás para usos diversos pelas pessoas que ali circulavam, bem como utilizar um rico rejeito do Setor de suinocultura que existe dentro da Universidade e que era descartado para fora das instalações sem nenhum tratamento, transformando um problema em solução.

As redes criadas e os nós apertados trouxeram mais esperança para um grupo de entusiastas da permacultura que tentam despertar e questionar um sistema de educação fracassado, um modelo de desenvolvimento insustentável, que tem no rural a ideia de atraso, de marginalizados do conhecimento. A resistência tem que ser travada diariamente, visibilizando as experiências agroecológicas e permaculturais como formas concretas, e não utópicas, de se atingir um nível de sustentabilidade nas suas várias dimensões (política, econômica, social, ambiental). Trazer esses conhecimentos ancestrais para dentro de uma universidade pública, de um espaço de construção do conhecimento, contra o grande capital e a favor da agricultura de base

familiar, reconhecendo o papel dos movimentos sociais e camponeses são premissas desse movimento agroecológico e permacultural que se enraíza na UFRPE/UAST.



Figura 1. Espaço Permacultural do NEPPAS (UFRPE/UAST): a) visão geral do espaço; b) finalização da construção da cisterna de placas de 52 mil litros; c) capacitação de agricultoras(es) para construção da geodésica; d) dentro da geodésica capacitando para sistemas agroflorestais;

Conhecer, estudar e vivenciar a permacultura é algo que transcende o imaginário. Não dá pra falar dela sem praticá-la! Por isso, o NEPPAS com uma grande história na Agroecologia, mergulha no mundo da permacultura e em outras agriculturas de base ecológica, intercambiando todo esse conhecimento com os reais detentores do conhecimento popular: agricultores/as familiares, comunidades quilombolas, comunidades ribeirinhas, movimentos sociais, etc., pois acreditamos que, como seres sociais, comunitários, temos o dever da partilha. Nesse sentido, nenhuma das atividades aqui apresentadas, e tantas outras, tiveram custo algum para o público. Conseguimos utilizar recursos públicos, e por vezes privados quanto aos parceiros das ONG's, de forma que os caminhos foram potencializados. Essa rica experiência aqui sistematizada, de pouco mais de sete anos enquanto núcleo e dois anos do espaço Permacultural, nos remete a fazer uma retrospectiva e um registro de tantas coisas e processos vividos, suscitando uma reflexão crítica dessa caminhada. Por sua vez, nos traz responsabilidades enquanto atores ativos dos processos educativos dentro da instituição. Assim, surgem ideias, projetos de se construir um ambiente de

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares

UFS

4 a 7 de
agosto
2019



empoderamento, em que saibamos de onde vem nosso alimento, como é produzido, quem produz, etc. para que entendamos o porque de se pautar a permacultura e a agroecologia nos espaços de debate.